

**XXII JORNADAS DE HISTORIA ECONOMICA
ASSOCIACION ARGENTINA DE HISTORIA ECONOMICA
UNIVERSIDAD NACIONAL DE RIO CUARTO**

Relaciones Económicas Internacionales

**A participação dos produtos da Amazônia no comércio bilateral Brasil – Argentina
(1937 - 1945)**

**Sylvio Mário Puga Ferreira¹(UFAM)
Pedro Paulo Zahluth Bastos²(UNICAMP)**

Introdução

As relações comerciais Brasil - Argentina entre 1900-1945 foram marcadas pela troca de bens primários, especialmente gêneros alimentícios. Entre 1900-1913, o comércio bilateral apresentou uma taxa média de crescimento anual de 9%. No primeiro grande conflito mundial (1914-1918) as relações comerciais intensificaram-se, devido à interrupção de intercâmbio com países industrializados. No período entre guerras (1919-1939), os problemas no Balanço de Pagamentos de ambos os países, causados pela redução dos preços dos seus principais produtos de exportação no mercado internacional, agravados pela Crise de 1929, causou estagnação nas relações comerciais. A eclosão da Segunda Guerra Mundial mudou esse cenário. Entre 1939-1945 o comércio entre os dois países cresceu mais de 300%, chegando a representar 15% do intercâmbio total brasileiro e 18% do comércio total da Argentina, marca essa jamais atingida nas relações bilaterais.

A Amazônia teve uma participação peculiar nesse processo. Entre 1937-1939, Cacau e Madeira eram exportados da região para a Argentina. Após o início do segundo conflito mundial (1939-1945), a pauta amazônica muda sua configuração, sendo exportados Borracha e Frutas de Mesa e seus Produtos. Pretendemos compreender a inserção dos produtos amazônicos na pauta de exportação brasileira, bem como a mudança de sua composição antes e durante o conflito mundial.

¹ Realiza Estágio Pós-Doutoral no Instituto de Economia da Unicamp. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas - Departamento de Economia e Análise.

² Professor – Doutor do Instituto de Economia da Unicamp.

Os produtos amazônicos na pauta exportadora brasileira (1900 - 1929)

No início do século XX, a Amazônia experimentava um momento econômico ímpar, pois era detentora da condição monopolista, no mercado internacional de borracha natural. O uso da borracha era conhecido dos europeus desde os relatos de La Condamine³, que realizou um importante registro do fabrico artesanal dos produtos derivados da utilização do látex. Em 1823, o escocês Charles Macintosh, descobriu um meio de fazer roupas impermeáveis, colocando uma camada de borracha entre duas camadas de tecido. No mesmo ano, em Londres, um fabricante de carruagens, Thomas Hancock, fabricou os primeiros aros de borracha. Mas, só em 1839, com a descoberta do processo de vulcanização pelo engenheiro e cientista Charles Goodyear, foi possível, adicionando enxofre à borracha e aquecendo a mistura, obter uma goma elástica que não se esfarelava nem colava, possibilitando-lhe dureza, elasticidade e impermeabilidade. Foi esse o ponto de partida para as aplicações práticas de borracha, dentre as quais se destaca a fabricação do primeiro pneumático por Dunlop em 1845, que veio a impulsionar a indústria de artefatos de borracha, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos.

A Segunda Revolução Industrial (1870-1890), ao provocar o desenvolvimento da indústria de aço, químicos, petróleo e elétrica, é também marcada por um período de grandes invenções, dentre as quais o veículo auto-propulsionado, inventado Karl Benz na Alemanha em 1885. O surgimento da indústria automobilística ampliou a demanda por pneumáticos e câmaras de ar, tornando a borracha natural um produto mundialmente valorizado.⁴

A oferta mundial de borracha, não se restringia a uma questão da qualidade do produto em si mesmo. Tratava-se de uma questão de escala de produção. A Indústria Automobilística norte-americana demandava pneumáticos e câmaras de ar, originando empresas fornecedoras, como a *Firestone Tire & Rubber Company* (1898) e *Goodyear Tire & Rubber Company* (1900). Em 1903 surge a *Ford Motor Company*, liderada pelo

³ LA CONDAMINE, Charles – Marie de. Viagem pelo Amazonas, 1735-1745. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.

⁴ O desenvolvimento incessante das aplicações da borracha, e as exigências industriais e mercantis que daí resultam não têm limites, dependendo como dependem só da iniciativa humana. MENDES, J.A. A Crise Amazônia e a Borracha. Manaus, Ed. Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2004, p. 145

engenheiro Henry Ford, lançando em 1908 o Ford Model T, que se popularizou pelo preço de U\$\$ 825,00. Também em 1908 surge a *General Motors Company* (GMC), tornando-se competidora direta da Ford.

Na Europa, a indústria automobilística também se desenvolvia com o surgimento de fábricas na Alemanha, com a Benz & Company (1883) e na Itália com a *Fábrica Italiana Automóveis Turim* (FIAT) em 1899. A indústria de artefatos de borracha existentes na Europa vendia seus produtos para bicicletas e carruagens, como a Pirelli Spa (1872), que é anterior a FIAT (1889). Posteriormente na Inglaterra, surge a Dunlop Rubber Company (1889).

A inexistência de concorrência ao produto amazônico, aliado aos desdobramentos da Segunda Revolução Industrial (1870-1890) e da utilização dos derivados da borracha nas mais diferentes aplicações industriais, aguçaram o interesse da Inglaterra, principal potência econômica do Século XIX, em romper o monopólio amazônico. Desde 1876, mudas de seringueira (*Hevea brasiliensis*), foram levadas da Amazônia, numa expedição chefiada pelo inglês Henry Wickham, que entregou ao Kew Garden (Londres) 70.000 sementes, das quais germinaram somente 2.700 que posteriormente foram enviadas para a Maláca Britânica (Ceilão, Singapura e Malásia).

Com a orientação de agrônomo, botânicos, e outros pesquisadores ingleses, foram estudados os meios pelos quais haveria condições de cultivar em larga escala por processos mais aperfeiçoados a seringueira, utilizando-se de métodos racionais de agricultura e de mão-de-obra barata de chineses e javanesa, transformando a indústria extrativa em agricultura de *hévea* - que permitissem a produção em escala maior e a custos menores.

A borracha natural não era um produto homogêneo, pois havia uma diferenciação de acordo com a qualidade do produto. A de melhor qualidade era a Borracha Fina, com defumação feita a tempo e de melhor pureza, obtendo melhor preço. A Entrefina não havia sido coagulada no momento exato, ficando o látex em estado grumoso, incidindo sobre ela um desconto em relação à Borracha Fina. Por outro lado, a Sernamby era coagulada naturalmente sem o processo de defumação, além de ser utilizado o látex que sobrava nas tigelinhas. Seu preço era aviltante em função da má qualidade do produto.

Em se tratando de uma economia não-monetizada o mecanismo encontrado para controlar toda a cadeia extratora era denominado Sistema de Aviamentos. Na parte superior situavam-se as Casas Exportadoras – importadoras estrangeiras - que situadas em Belém e Manaus, tinham o financiamento de capital alemão, inglês e francês. Seus vínculos eram com os importadores situados em Liverpool, Havre, Hamburg e New York. Seus elos locais eram as Casas Aviadoras situadas em Belém e Manaus, compravam a borracha nos seringais, através do adiantamento em espécie, ou dinheiro, pagando juros às Casas Exportadoras. No piso inferior encontrava-se o seringueiro, na sua grande maioria, o nordestino ou “brabo”, peça chave no processo de extração do látex que era arremetido para os seringais. Sua força motriz permitiu que o látex fosse extraído da floresta garantindo a manutenção da oferta do produto amazônico no mercado mundial.

No final do século XIX, as exportações dos Estados do Amazonas e Pará, avultam, em razão do crescimento da Indústria Automobilística, aliado à ausência de concorrência, permitindo a ambos ganhos extraordinários, do ponto de vista fiscal, fato esse corroborado pela Constituição Brasileira de 1891, que destinava as receitas do Imposto de Exportação, para uso exclusivo dos Estados.”⁵

Tabela 01
Quadro Demonstrativo da Exportação da Borracha
das Províncias do Amazonas e Pará (1878-1889)

ANO	AMAZONAS	AMAZONAS	PARÁ	PARÁ
	KILOGRAMA	VALOR	KILOGRAMA	VALOR
		OFICIAL		OFICIAL
1878	2.773.862	4.038:871\$	6.454.716	11.366:400\$
1879	3.246.935	7.433.065\$	6.889.482	11.242:500\$
1880	3.362.396	7.351:130\$	5.317.009	11.499:709\$
1881	3.385.517	10.982:887\$	5.317.007	11.499.709\$
1882	4.358.914	14.471:316\$	5.713.605	13.561:279\$
1883	2.349.135	7.709:949\$	5.470.304	17.858:821\$
1884	5.547.971	13.753:420\$	5.610.029	13.912:240\$
1885	5.508.784	10.373:040\$	6.273.216	11.818:410\$

⁵ A administração pública e a administração privada davam expansões a uma prodigalidade sem medida, que o êxito crescente dos negócios da borracha cada vez mais excitava. LIMA, Araújo. Amazônia, a terra e o homem, com uma introdução a antropogeografia. São Paulo, Ed. Nacional, Brasília, INL,1975, Brasileira. v. 104, p. 89

1886	6.177.053	13.570:985\$	6.512.947	14.312:099\$
1887	6.774.114	15.970:061\$	6.645.886	15.739:261\$
1888	8.011.432	16.992:247\$	7.678.568	16.286:306\$
1889	7.818.700	12.853:942\$	8.171.300	13.440:843\$

Fonte: Censo Industrial, 1907

A pauta exportadora amazônica tinha na borracha natural sua principal *commodity*, que em 1910, alcançava 43% na pauta de exportação brasileira. Seus principais destinos eram os portos europeus de Liverpool, Hamburgo, Nantes, Havres, Antuérpia, e Vigo além do Porto de Nova York. A economia amazônica estava ligada à dinâmica das economias dos Estados Unidos e da Europa, principalmente Inglaterra e Alemanha, que necessitavam da borracha natural para suas indústrias.⁶

Todavia a abundância de Receita Pública no apogeu do Ciclo da Borracha, não se transformou em superávit nas Contas Públicas. A ausência de investimento na borracha natural, por se tratar de um produto extrativo, aliado ao Consumo Suntuário, evidencia o descompasso nas finanças estaduais. No caso do Amazonas, exceto os anos de 1904, 1907, 1909 e 1910, a Despesa Efetuada foi maior que a Receita Arrecadada, sendo que o ano 1898, é paradigmático, pois o percentual de despesa chega ao 180,5%, da receita para uma receita de 8.021 contos de réis a uma despesa de 14.476 contos de réis.

Entre 1897 e 1902, o Amazonas teve enorme déficit nas contas públicas. No Pará, nos anos de 1899, 1900, 1902, 1903, 1907 e 1910, apresentou Despesas Efetivadas maiores que a Receita Arrecadada. Nos demais anos entre 1897 e 1912, a Despesa Pública não excedeu a Receita Arrecadada, conforme verificado na Tabela 02:

Tabela 02

Receita Arrecadada e Despesa Efetuada pelos Estados

Dados Anuais – Números Relativos – 1897-1912

% da Despesa sobre a Receita

⁶ "Finalmente, o produto do qual a Amazônia dependia para a sua prosperidade tinha de ser vendido quase que totalmente no exterior, uma vez que o setor industrial do Brasil, ainda engatinhando, necessitava de pouca borracha bruta. WEINSTEIN, Barbara. A Borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo, HUCITEC; EDUSP, 1993 p. 259

ANOS	AMAZONAS	PARÁ
1897	146,0	87,7
1898	180,5	96,6
1899	127,6	136,1
1900	173,4	108,5
1901	134,1	93,3
1902	126,3	128,7
1903	104,7	109,2
1904	99,9	96,7
1905	105,8	89,3
1906	124,1	89,9
1907	89,9	108,5
1908	108,7	87,8
1909	86,0	87,5
1910	97,7	111,3
1911	117,5	87,4

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, Ano V, 1939-1940, Apêndice, p. 1.415

A "zona de conforto" de arrecadação dos Estados do Amazonas e Pará, começou a sofrer alterações a partir da perda do monopólio da borracha. O esforço inglês de produzir borracha natural nas suas colônias situadas no Oriente começam a surtir efeitos. Em 1898, 01 tonelada de borracha natural não proveniente da Amazônia foi comercializada no mercado internacional. Em 1907 alcançou-se a marca de 1.000 toneladas, crescendo 100.000,00% em apenas 09 anos. Em 1911 o mercado internacional de borracha registrou o ingresso de 14.000 toneladas da borracha asiática, alcançando em 1914, 64.000 toneladas. A superação da borracha amazônica pela borracha asiática nos mercados internacionais

encerra o Ciclo da Borracha (1870-1912), inaugurando um período de crise na economia amazônica⁷.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial⁸ (1914-1918), ampliou a crise já instalada. O bloqueio ao transporte marítimo, além da irregularidade e encarecimento no frete diminuiu o fluxo comercial, praticamente interrompendo o intercâmbio entre os Portos de Manaus e Belém e as praças comerciais européias. Em 1914, a participação da borracha amazônica na pauta exportadora brasileira alcançou apenas 15%.

O bloqueio no Atlântico Norte, porém, resultou num maior intercâmbio do Brasil e demais países da América do Sul, em especial a Argentina. Em 1915, o Porto de Manaus registrou a saída de 1.120 toneladas de borracha, com destino ao Porto de Buenos Aires e 160 toneladas para o porto de Montevideú.

" Desse modo, o intercâmbio bilateral Brasil-Argentina alcançou níveis de relevância para ambos os países, nunca antes atingidos. Com relação ao Brasil, por exemplo, o mercado argentino chegou a ser absorvedor de mais de 15% do valor exportado pelo país, enquanto a Argentina, por sua vez, chegou a fornecer quase 20% do valor importado pelo Brasil"⁹ Fonseca (1989)

Encerrada a Primeira Grande Guerra em 1918, o mercado mundial de borracha apresentava uma configuração onde Inglaterra detinha 75% da oferta mundial, oriundas de suas colônias e os Estados Unidos consumiam 75% da produção mundial. Os ingleses elaboram um plano para estabilizar os preços da borracha, criando mecanismos de controle artificial do mesmo no mercado internacional, conhecido como Plano Stevenson¹⁰. Na Amazônia a consequência do Plano Stevenson foi à manutenção dos preços baixos no mercado internacional, ampliando as dificuldades econômicas existentes, agora também por conta das inovações tecnológicas: a criação da borracha sintética foi iniciada em 1909 na Alemanha, representando um padrão que afetaria um conjunto de produtos primários.¹¹

⁷ "O colapso da produção brasileira viria como um cataclismo arrasador (...) Nas cidades, setores inteiros de casas abandonadas e desfazendo-se aos poucos; a mata, voltando ao isolamento. A terra se despovoa. Vão se os aventureiros e buscadores de fortuna fácil procurar novas oportunidades em qualquer outro lugar. PRADO JR. Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1972, p. 240".

⁸ O Brasil rompeu relações com a Alemanha, Áustria, Bélgica e Rússia, com reflexo direto nas importações e exportações recíprocas e impacto nos impostos aduaneiros.

⁹ FONSECA, Renato da. O Intercâmbio Brasil-Argentina e o Comércio Intra-Indústria. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 1989, p.13

¹⁰ Sir. James Stevenson, foi empresário e funcionário público, trabalhou como conselheiro pessoal de Winston Churchill. Presidiu a Comitê de Investigação da Borracha, que originou o Plano que consagra seu nome.

Os Estados Unidos como maior mercado consumidor, buscaram romper o cerco inglês, estimulando que capitalistas que precisavam de Borracha buscassem viabilizar seus próprios empreendimentos. A *Ford Motor Company*, fabricava os carros que eram equipados com pneumáticos e câmaras de ar da *Firestone Tires & Rubber Company*. Henry Ford necessitava da independência da oferta asiática, controlada pelos ingleses. Vislumbrando a oportunidade de se autonomizar, produzindo numa região do mundo, de onde a seringueira era originária, Henry Ford autorizou a criação da Companhia Ford Industrial do Brasil, estimulado também a concessão de terras e demais benefícios, concedidos pelo Estado do Pará.

“Em 10 de outubro de 1927 ela passa ter a constituição jurídica registrada junto a Junta Comercial do Pará, sob o número 271, por despacho de 20 de outubro do mesmo ano. Antes disso, Dionísio Bentes, Governador do Pará, tinha concedido um milhão de hectares de terra com amplos direitos de utilização, o que incluía fontes de energia, construção de vias de comunicação, exercício de navegação, construção de fábricas dentro e fora da concessão, exportação e importação de mercadorias em bruto ou manufaturadas, criação de estabelecimentos bancários(...) manutenção de serviços de comunicação telefônica e radiofônica, manter escolas, instalar núcleos de povoação, criar armazéns e depósitos de mercadorias para fornecimento aos próprios empregados e trabalhadores, pesquisar o subsolo, introduzir trabalhadores nacionais e estrangeiros, alocar colonos e ainda, transferir todos os direitos obtidos. Ao concessionário, ou às empresas que viesse a formar, foi dado o direito, inclusive, de não submeter seus planos a qualquer autoridade brasileira”¹²

Exceto os investimentos de Ford na Amazônia, nenhum outro grande grupo econômico teve o mesmo interesse. A Seringueira era uma árvore um ciclo longo, com vida economicamente útil entre 35 a 40 anos. Somente após seis anos de vida, em condições favoráveis, tornava-se possível a extração do látex, significando que a cultura da *hévea* exigia investimentos com maturação de longo prazo. A Grande Depressão de 1929, os problemas no manejo da seringueira, e a descoberta de novas tecnologias que permitiam fabricar pneus a partir de derivados do petróleo, tornaram o empreendimento economicamente inviável.¹³

¹¹ A partir da Primeira Guerra Mundial se se assinalaram importantes modificações nas tendências a longo prazo da economia internacional(...)observou-se uma persistente deterioração nos preços relativos desses produtos primários nos mercados internacionais.(...) a inelasticidade a curto prazo da oferta de produtos primários de origem agrícola e à rigidez das estruturas dos países especializados na exportação desses produtos viria somar-se a própria evolução da tecnologia como fator responsável por essa tendência depressiva dos preços das matérias-primas no mercado internacional. FURTADO, Celso. *A Economia Latino-Americana. Formação Histórica e Problemas Contemporâneos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 103-104

¹² COSTA, Francisco de Assis. *Grande Capital e Agricultura na Amazônia: A experiência FORD no Tapajós*. Belém, Editora Universitária da UFPA, 1993, p. 64

¹³ Em 1939 Henry Ford abandona o projeto na Amazônia, no local que ficou conhecido como Fordlândia, onde investiu 15 milhões de dólares. O Governo Brasileiro através do Decreto 8.440 de 24 de Dezembro de 1945, indeniza a Ford Motors Company em US\$ 250.000,00, assumindo o passivo trabalhista e

A Década de 1930: integração da Amazônia no mercado interno brasileiro

A Depressão Econômica Mundial iniciada com o *Crash* da Bolsa de Nova York, fragilizou as economias primário-exportadoras. Furtado (1997) aponta que "o volume físico (*quantum*) das exportações mundiais reduziu-se 25%, entre 1929 e 1933, e o nível geral de preços dessas exportações em 30%, o que acarretou uma baixa de mais de 50% no valor do comércio mundial¹⁴. No Brasil, a queda dos preços do café, principal *commodity* brasileira, conduziu ao Governo Brasileiro a adotar medidas para minimizar os efeitos da crise, como a desvalorização do mil-réis, para favorecer as exportações, com vistas a obter equilíbrio no Balanço de Pagamentos. A queda nas exportações brasileiras atinge de maneira singular a Amazônia que lastreada na borracha natural, experimenta novo cenário de dificuldades. "Quer isto dizer que o Vale do Amazonas, concorrendo com mais de 61% da produção mundial em 1919, ainda figurou com mais de 50% dessa colheita, para decaírem estas em 1932, a menos de 1% (0,93%)."¹⁵

A partir de 1930, a economia brasileira iniciou um novo ciclo de desenvolvimento. O Estado Brasileiro passou a intervir de forma efetiva, criando condições para o processo de industrialização.¹⁶ O processo de industrialização iniciado na década de 1930 na economia brasileira não se refletiu, porém, de forma direta na Amazônia. "Naquela época a Amazônia mal tinha condições econômicas de sobrevivência e estava inteiramente desagregada e desnorteada (...) Permanecíamos, como ainda permanecemos na etapa pré-capitalista, em que as mercadorias se compram para pagamento com os produtos colhidos da natureza em pura transação de escambo¹⁷.

A economia da região, continuava muito dependente das oscilações do mercado internacional, e no que tange a seus produtos agroextrativistas a Castanha do Pará, ocupa

incorporando à União o patrimônio existente.

¹⁴ FURTADO, Celso. A Economia Latino-Americana. Formação Histórica e Problemas Contemporâneos. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 107

¹⁵ MENDES, Armando. A Borracha no Brasil. São Paulo, Sociedade Imprensa Brasileira, 1943, p.10

¹⁶ "De uma a outra fase da industrialização, com autonomia, força e capacidade de iniciativa, o Estado Brasileiro planejou, regulou, interveio nos mercados e tornou-se ele próprio, produtor e empresário; através dos seus gastos e investimentos coordenou os ritmos e os rumos da economia, e através de seus aparelhos e instrumentos, controlou e se imiscuiu até o âmago da acumulação capitalista. DRAIBE, Sônia. Rumos e Metamorfoses: Estado e Industrialização no Brasil: 1930-1960. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 20".

¹⁷ BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento. Rio de Janeiro, Conquista, 1976, p .91

um lugar de destaque na pauta exportadora da região.”¹⁸ Apesar da dependência de exportações, o principal efeito do Processo de Substituição de Importações, para a Amazônia foi o início da integração do mercado amazônico ao mercado brasileiro. A produção industrial especialmente no Estado de São Paulo¹⁹, dinamizou diversos ramos dentre, entre os quais, a Indústria de Artefatos de Borracha, cujo insumo básico era a borracha natural da Amazônia.

O Produto Interno Bruto Brasileiro entre 1933-1936 alcançou um crescimento médio de 7,4% e a Importação de Bens de Capital para a indústria no mesmo período apresentou a taxa de 41%. Estudo feito pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio calculou que as importações de artefato de borracha sob todas as formas caiu de 8.891 toneladas em 1929 para 6.343 em 1937, enquanto as indústrias brasileiras do mesmo setor, já incluindo algumas pequenas fábricas de pneus e câmaras de ar em Belém, Rio de Janeiro e São Paulo, aumentaram seu consumo de apenas 544 para 2.759 toneladas durante o mesmo período²⁰. O aquecimento da demanda interna pela borracha natural possibilitou o processo de integração econômica entre a economia amazônica e as demais regiões, principalmente a região Sudeste. Contudo esse processo não era célere, pela ausência de ligação terrestre. O fluxo de passageiros, mercadorias e comunicações era realizado somente através da navegação de cabotagem.

¹⁸ .”Entre 1928 e 1932 a produção média de castanha do Acre, Amazonas e Pará somados foi de 29 mil toneladas, em 1933 cresceu para 39 mil toneladas e para 51 mil toneladas em 1935, superando até mesmo a quantidade de borracha exportada no apogeu. Entre 1933 e 1935, o valor da produção total de castanha, também superou o da borracha, apesar de sua inferioridade nos preços médios. STELLA, Thomas Henrique de Toledo. A integração econômica da Amazônia (1930-1980). Campinas, Dissertação de Mestrado, IE/UNICAMP, 2009, p.67”.

¹⁹ A respeito desse assunto ver CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. Campinas, São Paulo; UNICAMP. IE, 1998. Nas palavras de Wilson Suzigan: "Efetivamente a produção industrial deu início à recuperação da crise de 1931, especialmente no Estado de São Paulo(+ 8,9%). Mas somente de 1933 em diante a produção industrial se acelerou, crescendo a uma taxa de 10% até 1936, e a 6% de 1937 a 1939. Isto fez com que a produção industrial dobrasse no decorrer de uma década, uma notável performance se considerarmos a crise internacional e a crise no setor exportador da economia, liderada pelo café. (...) As indústrias líderes eram aquelas de bens intermediários (cimento, aço, produtos metálicos, químicos, papel e derivados de borracha). Entretanto, as indústrias mais importantes ainda eram aquelas produtoras de bens de consumo não duráveis (principalmente têxteis, vestuário e gêneros alimentícios) que haviam praticamente concluído o processo de substituição de importação daqueles produtos” SUZIGAN, Wilson. Notas sobre o desenvolvimento industrial e a política econômica no Brasil na década de 30. IN Revista de Economia Política, Vol.4, nº 01, janeiro-março/1984, p. 138

²⁰ *Apud* DEAN, Warren. A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. São Paulo, Nobel, 1989, p. 129

A Segunda Grande Guerra e suas repercussões na pauta exportadora amazônica (1939-1945)

O Anuário Estatístico do Brasil (1939-1940), ²¹ao informar pela primeira vez a Exportação e Importação Exterior, detalhando a procedência do produto dentre os estados brasileiros, registrou a movimentação dos Postos Aduaneiros do Amazonas e Pará. Os mesmos apresentaram superávit nas suas transações com o resto do mundo, refletindo um certo grau de recuperação econômica, que se desenvolveu a partir de 1935, portanto superados os efeitos da Crise de 1929, com os seguintes produtos exportados e maiores compradores respectivamente:

- a) Borracha: Alemanha, Estados Unidos e Grã-Bretanha.
- b) Castanha: Estados Unidos, Alemanha, Argentina, Suécia, Itália e Holanda.
- c) Couros e Peles: Alemanha e Estados Unidos
- d) Frutos Comestíveis (Castanha Descascada) : Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Grã-Bretanha
- e) Frutos Oleaginosos (Castanha em casca) : Grã-Bretanha, Estados Unidos e Alemanha
- f) Frutos Oleaginosos (Coquilhos de babaçu): Estados Unidos
- g) Madeiras: Argentina, Alemanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Portugal, Uruguai, União Sul África, União Belgo - Luxemburguesa, Itália.

Os Estados Unidos aparecem como o país que mais participa da pauta exportadora amazônica adquirindo todos os produtos listados. A Grã-Bretanha importa (Borracha, Frutos Comestíveis, Frutos Oleaginosos, e Madeiras). Por sua vez a Alemanha importa (Borracha, Couros e Peles, Frutos Oleaginosos e Madeiras). Ambas têm uma presença significativa, com quatro produtos respectivamente, sendo que a Alemanha lidera a importação de Borracha e Couros e Peles e a Grã-Bretanha lidera a importação de Frutos

²¹ Confeccionado pelo Instituto Nacional de Estatística, criado pelo Decreto nº 24.609 de 06 de julho de 1934, com a obrigação de publicar de forma regular e uniforme a série dos Anuários Estatísticos do Brasil.

Oleaginosos (Castanha em Casca). A produção agrícola amazônica destinava-se ao consumo doméstico e também interestadual, tendo como produtos agriculturáveis: Abacaxi, Arroz, Banana, Cacau, Cana de Açúcar, Feijão, Fumo, Laranja, Mandioca e Milho.

Destaca-se a maior participação do comércio dos produtos da Amazônia com os mercados do Cone Sul, em especial da Argentina. Entre 1937-1939, a pauta exportadora registrou transações com Cacau e Madeira, com ênfase para madeira, matéria-prima abundante na região. A madeira oriunda do Estado do Pará dobrou sua quantidade exportada de 22.668t em 1937 para 45.695t em 1939, conforme tabela 03.

Tabela 03

Comércio

Importação e Exportação Exterior - 1937/1939

Discriminação Geral Segundo as Mercadorias, as Procedências e Destinos.

Exportação

Especificação	Quantidade(ton) 1937	Quantidade(ton) 1938	Quantidade(ton) 1939	Valor (contos de réis) 1937	Valor (contos de réis) 1938	Valor (contos de réis) 1939
Cacau						
Procedência						
Pará	1.389	1.262	2.267	3.929	2.224	3.310
Destino						
Argentina	4.106	5.567	4.683	8.545	9.698	8.503
Madeiras						
Procedência						
Amazonas	8.385	10.085	11.486	2.350	2.304	5.725
Pará	22.668	37.858	45.695	5.362	6.569	8.212
Destino						
Argentina	181.041	159.056	211.668	44.105	40.673	55.648

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, Ano V, 1939-1940, p. 418 - 423

A interrupção dos fluxos comerciais com os países europeus ampliou o intercâmbio comercial com os países da América do Sul, em especial a Argentina. Durante esses seis anos, o comércio entre os dois países cresceu mais de 300% chegando a representar 15% do intercâmbio total brasileiro e 18% do comércio total da Argentina, participações nunca antes atingidas. Ainda nesse período, a Argentina continuava a ser relativamente mais importante como fornecedor de mercadorias ao Brasil do que como absorvedor dos produtos brasileiros. O Brasil por sua vez, tornou-se relativamente mais importante para a Argentina como provedor de bens a seu mercado do que como comprador das mercadorias argentinas²². Fonseca (1989)

A exportação da borracha amazônica para a Argentina entre 1940-1945 é determinada por dois momentos bem distintos. Antes do ingresso no conflito o Brasil exporta 956t em 1940 e 2.708t em 1941. Em 1942, o Brasil se insere no conflito mundial, no mesmo ano em que o Japão se apoderou das regiões produtoras de borracha do Sudoeste Asiático²³. Foram assinados acordos entre Brasil e Estados Unidos, dentre eles os "Acordos de Washington,"²⁴ onde o maior interesse era maximizar a produção de borracha. O esforço de guerra na busca da borracha amazônica paralisou o intercâmbio entre Brasil e Argentina nesse produto. Em 1942, a exportação foi de 317t, entre 1943 e 1944, nenhuma tonelada foi exportada e em 1945, apenas 01 tonelada foi transacionada, conforme tabela 4:

Tabela 04

Importação e Exportação Exterior - 1940/1945

Discriminação Geral Segundo as Mercadorias, as Procedências e Destinos.

Exportação

²² FONSECA, Renato da. O Intercâmbio Brasil-Argentina e o Comércio Intra-Indústria. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 1989, p. 32

²³ Os Japão apodera-se de 97% das regiões produtoras do Sudoeste Asiático: Indonésia, Filipinas, Malásia, Indochina, Tailândia e Birmânia.

²⁴ A respeito deste assunto ver CORRÊA, Luiz Maximiliano. A Batalha da Borracha e a Segunda Guerra Mundial. Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1976.

Especificação	Quant(ton) 1940	Quant(ton) 1941	Quant(ton) 1942	Quant(ton) 1943	Quant(ton) 1944	Quant(ton) 1945
Borracha						
Amazonas	5. 514	4. 225	6. 026	6.064	0	47
Pará	5. 917	6. 161	5. 043	6. 684	17.552	16.487
Destino						
Argentina	956	2. 788	317	0	0	1
Castanha						
Pará	5. 067	4. 165	2. 147	33	0	1. 258
Destino						
Argentina	222. 150	150. 270	94. 559	85. 239	88. 689	97. 819

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, Ano VI, 1941-1945, p. 268 - 269

Anuário Estatístico do Brasil, Ano VII, 1946, p. 302 – 303

Em relação a frutas de mesa e seus produtos (castanha) em 1940 foram exportadas 5.067 t, em 1943 somente 33t e em 1944 nenhuma tonelada, pois todos os braços estavam voltados para a extração da borracha natural, estagnando as atividades extratoras como a da castanha. As exportações brasileiras de castanha para a Argentina eram oriundas de São Paulo e do Distrito Federal.

Para melhor entender na ótica argentina, o processo econômico em curso, recorreremos ao trabalho de Gomez & Laguia²⁵, que ao analisar o comércio exterior durante o primeiro governo peronista: prioridades e condicionantes, alude a questão do Caucho(borracha) como matéria-prima importada e estratégica para a indústria argentina. “Si observamos los destinos de la producción argentina en 1940, no podemos menos que señalar el amplio dominio que tiene el mercado británico (45%), seguido por el de los Estados Unidos (21%). La participación de otros países como vemos no es muy significativa: con un 7% encontramos a Francia, en tanto Brasil se presenta con un 6% y España con sólo un 5%.

Los productos exportados por entonces presentan directa relación con la amplitud de los mercados a los que iban dirigidos: carnes congeladas, cueros, lanas y productos de lechería en primer lugar; cereales y lino, harina y sus subproductos en segundo lugar; en

²⁵ GOMÉZ, Teresita & LAGUIA, Leandro. Comercio exterior en el primer gobierno peronista. Prioridades y Condicionantes. In XXII Jornadas de Historia Economica da Associacion Argentina de Historia Economica. Rio Cuarto, 2010, p. 09-11.

tercer lugar, diversos productos manufacturados y en cuarto, los provenientes del sector forestal. Menores cantidades de minerales, y otros productos provenientes de la caza y la pesca no se incluyeron en los datos brindados.

Productos Exportados (millones m\$)

	Total	Ganadería	Agricultura	Forestales	Artículos Manufacturados
1939	1573173,3	688677,8	766966,9	47960,2	45250,1
1940	1427637,9	700566,4	595896	33848,7	69954,1
1941	1464621,6	909687,5	346926,1	41409,7	120238,2
1942	1788958,1	1083853,1	386600,9	42114,2	233416,9

Importaciones realizadas (millones m\$)

	Total	Susts. Alimenticias	Textil y sus manufacturas	Hierro y sus artefactos
1939	1338332,3	92717,7	280992,9	170820,6
1940	1498757	92435,8	306660,1	207998,9
1941	1276654,5	75928,1	228494,9	145685,6
1942	1274361,4	74652,2	320390,4	87833,7

Maquinarias y Vehículos	Metales (excluido el hierro)	Combustibles y lubricantes	Caucho y sus manufacturas	Artículos varios
149591,9	69490,4	183093,3	17578,8	77190,6
120425,8	96618	240093,3	20619,5	90735,9
108779,8	94796,2	184521,6	28418,4	74318,3
94911	80377,6	109564,4	11106,1	83204,2

Comparando exportaciones e importaciones, podemos arribar a algunas conclusiones:

1. La balanza comercial se presenta favorable para la Argentina.
2. La composición de las importaciones va desde rubros más fácilmente sustituibles como son los textiles y sustancias alimenticias, a otros como maquinarias, metales, combustibles y caucho (por nombrar los principales), donde se verifican las mayores dependencias del mercado externo.
3. Los rubros como maquinarias y vehículos, en su disminución, muestran las limitaciones que va encontrando el proceso de sustitución de importaciones que debe utilizar sus existencias al máximo, ante la imposibilidad de adquirir nuevas unidades.

4. El año 1942 se presenta como el más crítico respecto de las importaciones de productos necesarios a la industria nacional, en tanto las exportaciones, correspondan al sector agropecuario como a productos semielaborados y terminados, muestra un sostenido crecimiento.

5. Pese al crecimiento del rubro manufacturas, nos parece aún arriesgado coincidir con lo expresado por Cafiero de que en los años de la guerra, “el 20% de las exportaciones argentinas estaba constituido por artículos manufacturados”.²⁶

Conclusões

A Amazônia tradicionalmente teve seus fluxos de comércio orientados para a Europa entre os séculos XVII e XVIII. No final do século XIX, com o Ciclo da Borracha, aliado ao desenvolvimento da indústria automobilística norte-americana, inaugura-se o intercâmbio com os Estados Unidos. Os fluxos do comércio amazônico com o resto do mundo sofrem abalo com a superação da borracha amazônica pela borracha asiática em 1913, agravado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A década de 1930 marcou o Processo de Substituição de Importações na economia brasileira, tendo como uma das conseqüências à integração da Amazônia ao mercado interno brasileiro, como fornecedora de borracha natural para a Indústria de Artefatos de Borracha. A Segunda Grande Guerra (1939-1945), ao interromper os fluxos comerciais entre o Brasil e a Europa, e a necessidade de buscar novas fontes de produtos e mercados para a exportação dos produtos brasileiros, incrementa o comércio bilateral Brasil-Argentina. A participação de produtos amazônicos nesse intercâmbio, com Cacau e Madeiras (1937-1939) e Borracha e Castanha (1940-1945) é fato novo na pauta exportadora amazônica, tradicionalmente direcionada para os mercados europeus e norte-americanos.

Referências

BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento. Rio de Janeiro, Conquista, 1976.

CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. Campinas, São Paulo; UNICAMP. IE, 1998.

²⁶ Cafiero, Antonio (1961).

CORRÊA, Luiz Maximiniano. A Batalha da Borracha e a Segunda Guerra Mundial. Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1976.

COSTA, Francisco de Assis. Grande Capital e Agricultura na Amazônia: A experiência FORD no Tapajós. Belém, Editora Universitária da UFPA, 1993.

DEAN, Warren. A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. São Paulo, Nobel, 1989

DRAIBE, Sônia. Rumos e Metamorfoses: Estado e Industrialização no Brasil: 1930- 1960. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985

FONSECA, Renato da. O Intercâmbio Brasil-Argentina e o Comércio Intra-Indústria. Rio de Janeiro Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 1989.

FURTADO, Celso. A Economia Latino-Americana. Formação Histórica e Problemas Contemporâneos. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

GOMÉZ, Teresita & LAGUIA, Leandro. Comercio exterior en el primer gobierno peronista. Prioridades y Condicionantes. *In XXII Jornadas de Historia Economica da Asociacion Argentina de Historia Economica*. Rio Cuarto, 2010.

LA CONDAMINE, Charles – Marie de. Viagem pelo Amazonas,1735-1745. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP,1992.

LIMA, Araújo. Amazônia, a terra e o homem, com uma introdução a antropogeografia. São Paulo, Ed. Nacional, Brasília, INL, Brasiliana. v. 104, 1975.

MENDES, Armando. A Borracha no Brasil. São Paulo, Sociedade Imprensa Brasileira, 1943.

MENDES, J.A. A Crise Amazônica e a Borracha. Manaus, Ed. Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2004.

PRADO JR. Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1972.

STELLA, Thomas Henrique de Toledo. A integração econômica da Amazônia (1930-1980). Campinas, Dissertação de Mestrado, IE/UNICAMP, 2009

SUZIGAN, Wilson. Notas sobre o desenvolvimento industrial e a política econômica no Brasil na década de 30. *in Revista de Economia Política*, Vol.4, nº 01, janeiro-março/1984

WEINSTEIN, Barbara. A Borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo, HUCITEC; EDUSP,1993